

O VIGIA/WATCHMAN

Flávio Célio Rodrigues Oliveira

Escola Guignard - UEMG - Belo Horizonte - Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo é estabelecer relações entre os trabalhos *O Vigia/Watchman* do artista Flávio CRO, o quadrinho *Watchmen* de Alan Moore e Dave Gibbons e a obra literária 1984 de George Orwell. Para tanto, palavras-chave como *Vigia/Watchman/Watchmen*, datas tais quais 1984, além de imagens de pichações urbanas e de páginas específicas foram tomadas como os principais meios de análise das obras de maneira a recortar e tornar clara a proposta. No intuito de embasar essa exploração, estudamos comparativamente e estabelecemos as analogias junto aos trabalhos específicos desses artistas, citados acima, destacando e aproximando as casualidades encontradas, não de modo a questionar e validar tais coincidências como já “pré-programadas”, mas somente como uma sugestão de leitura através da qual podem ser aproximadas. Por fim, a questão do tempo foi elegida como linha teórica para costurar tais conexões propostas. Dentro dessa escolha o conceito de tempo foi aplicado nas análises a partir das referências teóricas de Anne Cauquelin, ao entender o tempo como processo; Boris Groys ao destacar os contemporâneos como colaboradores do tempo; Michel Foucault ao analisá-lo sobre a ótica dos mecanismos de vigia e controle do Estado e Giorgio Agamben ao compreender a “desfuncionalização” de um objeto, no tempo, como um processo da arte.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; *Watchmen*; 1984.



FIGURA 1 e 2: CRO, Flávio. *O Vigia/Watchman*. 2016, *ready made* com relógio da marca *Citizen* e sua caixa. 10 x 6 x 20 cm (caixa aberta). Fonte: acervo do artista. Coleção Privada.

1.1 - WATCH, WATCHES, WATCHMEN...

O trabalho acima, denominado de *O Vigia/Watchman*, é realizado a partir da apropriação de um relógio, da marca Citizen, “parado” e sua caixa. Aparentemente esse deslocamento espaço-temporal é simples, embora saibamos ser prefigurado na História da Arte pelas potentes propostas de Marcel Duchamp¹. Mas, parafraseando o cosmólogo norteamericano Michio Kaku, as fórmulas mais elegantes são eficientes não pela sua complexidade, mas pela simplicidade de caberem em uma linha. Dito dessa maneira notamos que sua potência é elevada a um universo de conexões, graças a essa síntese alcançada em sua elaboração.

Analisando o título do trabalho, notamos que foi construído como um jogo de palavras. Como exemplo, temos as traduções de dicionário para vigia ou vigilante, no português, e no inglês *watchman*, ao ser decomposta forma relógio, notado no prefixo em inglês *watch* e homem, no sufixo inglês *man*. Essa articulação leva a outras leituras, como a de “homem relógio” ou “homem do tempo”. Já a palavra *citizen*, gravada em letras douradas na caixa, pode ser traduzida como cidadão em português, mas é apropriada pela fábrica do relógio, como seu “nome fantasia”, ou seja, como se apresenta ao público enquanto marca.

A associação dessas palavras, como em um quebra-cabeças, pode gerar variadas interpretações, como por exemplo, o cidadão (*citizen*) é aquele que possui o tempo em suas mãos, a marca lhe vende o tempo, para que possa usá-lo ou, pelo menos, medir seu uso. *Watchman*, também lembra *Watchmen*, seu plural em inglês, título do quadrinho de Alan Moore e Dave Gibbons lançado em 1986, no qual introduzem vigilantes/heróis, protetores ou cuidadores, que vigiam e punem os cidadãos/*citizens*, tomados como “vilões” despreparados que devem ser conduzidos no “melhor” caminho pelos mais aptos. Tal visão é contestada, dentro do quadrinho, em uma série de protestos, sintetizados nas pichações:

¹ Extrapolaria os objetivos desse texto explorar a potência com que a apropriação é utilizada na arte, através dos seus deslocamentos espaço-temporais, assim como da importância e ramificações das proposições artísticas de Marcel Duchamp ao longo do século XX. Caso queiram se aprofundar no tema favor ver: CRO, Flávio. *Vestígios: uma investigação do ato de apropriação na arte*. 2017. Dissertação (Mestrado em: Artes) – Escola Guignard e Escola de Música, UEMG, Belo Horizonte, 2017.

“quem vigia os vigilantes?/who watches the watchmen?”, que aparece ilustrada, por exemplo, na página 58 da revista em quadrinhos *Watchmen* (2009).

A pichação que aparece em *Watchmen*, vista até mesmo nos muros de nossas cidades. Segundo o que consta no apêndice final da publicação de 2009, é uma tradução retirada das *Sátiras* de Juvenal, em latim: “*Quis custodiet ipsos custodes.*” E versa sobre a necessidade de um poder maior que vigie os vigilantes. Nos quadrinhos, esses “heróis” alguns superpoderosos ou até mesmo super-humanos, “respondiam” ao Estado. Já no trabalho de arte apresentado na abertura desse artigo, a palavra *citizen* (cidadão), aparece estampada na caixa, que pode ser facilmente fechada, cobrindo o poder do “vigilante do tempo”. Isso sugere que é o cidadão quem deve exercer esse controle sobre o vigilante, cobrindo-o com o seu poder.

Claro que existe a possibilidade de domesticação desse poder do cidadão, através da manipulação e ampliação do seu desejo voyeurístico, como apresentado na série de televisão que herda o nome do vilão de George Orwell, o *Big Brother*. Contudo é preferível apontar que os trabalhos e as conexões suscitadas pelos mesmos, levam a outra fonte: *Vigiar e Punir* (1987), do filósofo francês Michel Foucault. Nesta obra o autor realiza uma análise do controle pelo poder, o qual acredita se distanciar cada vez mais dos corpos encarcerados, cujo tempo foi roubado, para se aproximar da imagem, da alma, daquilo que informa o próprio Eu do cidadão, ou seja, para o controle da informação e da memória.

1.2 – JOGOS DE GUERRA

A partir desses apontamentos exploraremos outras conexões. Uma destas se refere a época de 1984, que, em *Watchmen* (2009), é o ano estampado na capa do diário do personagem Rorschach – visível no último quadro da p. 412, que fecha a história. Mil novecentos e oitenta e quatro é, também, a data que nomeia o romance *Nineteen Eighty-Four* de George Orwell, no qual ele apresenta o grande vilão *Big Brother* ou Grande Irmão. O nome soa com um intuito da proteção do familiar, mas, no livro, designa o representante máximo dentro de uma sociedade de controle, na qual nada pode escapar a sua vigilância.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Podemos, ainda, recrutar a imagem de um dos cartazes, descrito logo no início do livro *1984*, onde o autor nos apresenta um dos lemas desse Estado supervigilante: “*BIG BROTHER IS WATCHING YOU*” ou, traduzindo: “O GRANDE IRMÃO OLHA POR TI” ou ZELA, OBSERVA, PROTEGE, VIGIA, etc.. Colocando as frases lado a lado: “Quem vigia os vigilantes?” “O Grande Irmão está vigiando”, a frase de Orwell remete a uma paráfrase em resposta a Juvenal.

Observando outras coincidências, no documentário do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, *Cabra Marcado para Morrer* (1984) – além da óbvia data de lançamento do filme. Existe uma fala de uns dos filhos de Elizabeth Altino Teixeira, figura central na produção de Coutinho, pronunciada no reencontro com o cineasta, na qual esse filho agradece ao então presidente Figueiredo pela oportunidade. Esses dizeres ao serem conectados com o título do livro de Orwell, nos relembram que 1984 é também o ano do início do processo de redemocratização no Brasil, com o início do movimento eleitoral no congresso que culminará com a eleição de Tancredo Neves. Contudo isso também coincide, como em uma brincadeira macabra, não só no título do livro, mas também com o dado de que o Brasil era um dos países que compunha o superestado fictício da Oceania que, na descrição de Orwell: “compreende as *Américas*, as ilhas do Atlântico, inclusive as Britânicas, a Australásia e a parte meridional da África.” (ORWELL, 2007, p. 179, grifo nosso). Tantos acasos dificultam a descrença que as práticas de apagamentos, silenciamentos e o controle da memória praticado pelo Estado brasileiro, em relação a mídia e ao povo, não tenham se alimentado das linhas de um livro.

De fato o filósofo norte-americano Noam Chomsky, no seu livro *Novas e Velhas Ordens Mundiais* (1996), parece comprovar a cartilha orwelliana. Pelas análises do filósofo identifica-se uma luta pela manutenção do *status quo*, que não ocorreram apenas no período da Guerra Fria, através da criação de justificativas dos Estados para as intervenções, não só militares, dos países ricos, nos países pobres. Portanto, a necessidade da “fabricação do inimigo”, vista tanto em *1984* quanto em *Watchmen*, extrapola até mesmo a ficção, pois inventar um antagonista é uma estratégia amplamente necessária a manutenção do teatro do poder, segundo o pesquisador:

têm sido intrigante observar a procura desesperada por algum novo inimigo desde que os russos estavam visivelmente enfraquecendo-se nos anos 80: o terrorismo internacional, os narcotraficantes hispânicos, o fundamentalismo islâmico ou a “instabilidade” do Terceiro Mundo e a depravação generalizada. (CHOMSKY, 1996, p.14).

Fomentar um desafio atua como justificativa para a intervenção e uso da força, pois uma vez “vencido” esse opositor, a paz pode ser restaurada. Tal estratégia é explorada tanto em *Watchmen* quanto em *1984*, em ambos a paz é alcançada através da ficção da guerra, seja na manutenção eterna da sua máquina, presente na frase de Orwell: “a guerra de hoje é uma impostura. É como os combates entre certos ruminantes, cujos chifres são dispostos em ângulo tal que não podem ferir um ao outro. Entretanto, apesar de irreal, ela têm sentido.” (ORWELL, 2007, p. 191). Ou no final do quadrinho de 1986: “para amedrontar governos e levá-los a *cooperar*, entre si, eu teria de convencê-los de que a Terra estava diante de um ataque de seres de outro *mundo*” (GIBBONS; MOORE, 2009, p. 371, grifos dos autores). O único curso de ação para unir as desesperanças humanas era projetá-las em um mal maior, externo, mas comum a todos, algo que unisse os esforços de guerra e sua mira para além das fronteiras. Uma estratégia de ilusão tão simplória, que somente os heróis de tal universo fantástico iriam absorvê-la, no entanto, extremamente corriqueira e necessária para deixar a orquestração e manipulação óbvias².

No documentário *O Século do Ego* (2002), do cineasta britânico Adam Curtis, essa fabricação do inimigo também é destacada, como exemplo, apresenta as intervenções dos EUA na Guatemala. Destaco aqui que as bombas que explodiam sobre o país, para assustar e desencorajar seus habitantes, descritas na entrevista pelo ex agente da CIA Howard Hunt, lembram em muito os bombardeios na cidade fictícia de Londres, descritos por Orwell no seu livro, que por sua vez fazem alusão as táticas alemãs as quais Hunt diz se apropriar. Pelo raciocínio tecido na produção de Curtis, as ações dos EUA culminaram com a

² Esse é um ponto de divergência entre o final do filme e o do quadrinho. A produção do filme opta

por um final alternativo, exatamente para fugir dessa orquestração apontada acima, mas ela é extremamente necessária ao roteiro traçado por Moore pelo que será apontado, mais a frente, na parte 1.3 – O Tempo.

deposição do presidente daquele país em 1954. O militar Jacobo Arbens foi democraticamente eleito com base em uma campanha de reformas agrárias. A sua substituição garantiu um regime mais favorável as corporações financeiras norte-americanas que exploravam comercialmente o país. Na época, a principal era a United Fruits Company, representada pelo pioneiro nas relações públicas, o austro-americano Edward Bernays³, cuja campanha de mascaramento da realidade e silenciamento das propostas do então presidente eleito tornaram a opinião pública favorável a intervenção militar na região, mas ao mesmo tempo não conseguiram evitar a fundação de um regime de intensas sucessões militares e a uma guerra de contra insurgência com milhares de mortos, que marcou o início das ditaduras militares extremistas na América do Sul, estimuladas pelo governo dos EUA, das quais a ditadura brasileira não foi uma exceção.

O cenário catastrófico desenhado durante os confrontos da Guerra Fria, encabeçados pela URSS e EUA, nos faz crer que os Estados orwellianos estão sistematicamente se erguendo. Contudo, Orwell não apaga a esperança como um todo, ela é colocada no coletivo: “se há esperança, escreveu Winston, ela etá nos proles.” (ORWELL, 2007, p. 71). Esse fio de esperança no qual o personagem principal se agarra encontra eco na fala do chefe de polícia do Estado do Rio de Janeiro, Hélio Luz, no documentário *Notícias de Uma Guerra Particular* (1999), do cineasta brasileiro João Moreira Salles, ele diz: “o dia que eles perceberem como é essa relação e eles resolverem descer com níveis organizados, eles tomam isso aqui.” Embora a frase de Winston represente esperança, enquanto a do delegado uma desesperança com o aparelho de repressão do Estado, ambas reconhecem que as revoluções se fazem a partir do poder das massas de excluídos. Poder esse que será vítima

³ Edward Bernays é considerado o “pai das relações públicas” no século XX. Bernays era sobrinho de Sigmund Freud e utilizou as ideias do tio, em conjunto com outros pesquisadores, para desenvolver o que chamou de “engenharia do consentimento”, que consistia em diversas técnicas para explorar o inconsciente das massas populares, manipular seus hábitos e opiniões de maneira favorável aos seus clientes, no caso, grandes corporações financeiras, políticos, atores, dentre outros. Para se aprofundar mais favor ver no You Tube. O Século do Ego Parte 1. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=tHHVQy3Yd1w](https://www.youtube.com/watch?v=tHHVQy3Yd1w)>. Acesso em 13/06/2018. E também no You Tube. O Século do Ego Parte 2. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=hOMhCNGp8SI](https://www.youtube.com/watch?v=hOMhCNGp8SI)>. Acesso em 13/06/2018.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

das mais atroz tentativas de desconstruções, durante sessões de tortura que parecem suspender o próprio tempo, praticadas pelo repressor do partido O'Brien:

Tens a impressão de que o ódio cansa mais que o amor. Por que cansaria mais? [...] Suponhamos que aceleramos o ritmo da vida humana, de modo que estamos senis aos trinta anos. Que diferença faria? Não podes compreender que a morte do indivíduo não é morte? O Partido é imortal. (ORWELL, 2007, p. 257).

Winston ainda rebate: “dê algum modo, haverá de falhar. Algo vos derrotará. A vida vos derrotará.” (ORWELL, 2007, p. 257). Entre o ódio e o amor, sua vã esperança é esmagada pela maior arma do partido: a manutenção de um “presente perpétuo”, de um mundo sem memórias, no qual o partido controla a disseminação de todas as informações fazendo com que todos vivam em um círculo de infinita repetição do tempo. Esse comprometimento da memória também já foi apontado pela pesquisadora brasileira Eni Orlandi, no livro *Papel da Memória* (1999), no qual destaca:

A falta é constitutiva da memória, assim como o esquecimento. No entanto o que acontece como os sentidos de 68 é que eles não falham apenas nessa memória, eles foram silenciados, censurados, excluídos para que não haja um já dito, um significado constituído nessa memória de tal modo que isso tornasse, a partir daí, outros sentidos possíveis. Há faltas – e não falhas. (ORLANDI; et al., 1999, p. 65)

O que esses fragmentos evidenciam é o reconhecimento de uma espécie de *modus operandi* tirânico, gravado em diversos discursos e reproduzido em suas ações, no qual torturam nosso passado para manterem o controle sobre esse presente suspenso, enquanto talham um futuro ausente. O apagamento da essência humana, daquilo que singulariza o eu, nos torna como que conchas vazias que podem ser preenchidas como massas, moldáveis a partir dos espancamentos do poder autocrático.

Ainda assim, esse poder de esvaziar o cidadão de si mesmo, que é o maior orgulho desses despotismos, também é a maior falha de um sistema fechado e de tempo cíclico. Sem ter como crescer e ampliar a “máquina humana” ou pelo menos atualizá-la, ela vai quebrar, o cérebro humano vai encolher até sucumbir. Segundo o psicólogo norte-americano Donald

Hoffman, em um vídeo de 2017 de sua palestra sobre a *Teoria da Simulação*, o cérebro humano, mesmo quando super estimulado, vêm encolhendo, se comparado com o de nossos ancestrais. Acompanhando seu raciocínio, em uma sociedade onde não há estímulo algum o cérebro atrofiará ainda mais rapidamente. Mesmo que um humano possa ser substituído, como nos diz O'Brien, a espécie inteira não o poderia, ainda mais por não existir, naquela sociedade, estímulos para a pesquisa, sem os quais então não há avanços na genética, nem na cibertecnologia, menos ainda na robótica. Olhado sobre esse prisma, o fim do homem é o fim do partido. Portanto quando O'Brien, durante suas sessões de tortura, confronta a imagem de último homem de Winston em frente ao espelho e o que ela reflete é igualmente a imagem da falência do partido. Esse “caco” de homem prefigura todos outros membros do Partido que “derretem”, se apagam um a um e definham aos milhões.

Durante o vídeo Hoffman ainda coloca que o tempo pode ser uma ilusão da percepção humana, algo que encontra similaridade com a afirmação de O'Brien de que: “nada existe exceto pela via da consciência humana.” (ORWELL, 2007, p. 253). O uso da ciência bruta, desconectada com o sentimento e enraizada na construção da vida como uma ilusão, nos faz crer que: “eles se fecharam em um fora do tempo esvaziado de todo acontecimento e de todo afeto, onde nada acontece e nem pode acontecer.” (LAPOUJADE, 2017, p. 17). Esse recorte do filósofo francês David Lapoujade, corrobora com a leitura de um “presente perpétuo”, proposta mais acima e ajuda a perceber que essas sociedades projetadas em tempos fictícios, tanto de *1984* com em *Watchmen*, vivem fechados em uma bolha temporal sobre a égide de um tempo melancólico, deflagrando jogos de guerra nos quais disputam o controle da vida a partir da sua teatralização.

As evidências documentais de Chomsky e cinematográficas coletadas por Curtis, além das demais propostas e recortes apresentados, demonstram que a manutenção do poder depende de uma manipulação da população. E mesmo que pareça bastante ingênua, embora engenhosa, torna crível que precisamos de uma sociedade hierárquica para manter as conquistas sociais enquanto povo. Contudo essa coletânea de informações, acima colocadas, não foi condensada de forma a provar que a arte influencia a vida, nem o contrário. O que percebemos são as suas repercussões penetrando e confluindo em diversas

camadas da realidade, além de agirem através de um movimento muito mais dinâmico, que se recusa a caber em um dilema de causalidade semelhante a pergunta: quem veio primeiro o ovo ou a galinha?

Tentar impedir a informação de circular e se complementar, é algo que se passa como na imagem de tentar represar um rio com as mãos, uma ação impossível de se controlar pois, – parafraseando a frase do personagem Ian Malcolm, em *Jurassic Park* (1993) –, a informação encontra um meio. O livro de Goldstein, em 1984 e o diário de Rorschach, em *Watchmen*, são exemplos aos quais podemos recorrer para a paráfrase. Inventados ou não, descobertos ou não, ambos contêm traços da informação que as respectivas elites desejam esconder. São conhecimentos que circulam aos pedaços e alimentam traços de esperança nas narrativas.

1.3 – O TEMPO

Mas o relógio do trabalho está parado, um relógio parado perdeu a sua função de vigilante do tempo, não pode mais nos vender essa noção, pois ela cessou... Uma vez parado, desfuncionalizado ele só ostenta a sua característica de adorno, de enfeite, de joia... Um objeto sem função pode então assumir a forma de objeto de arte. Portanto, podemos pensar que agora esse vigia do tempo está “Fora do Tempo”, tomando emprestado as palavras de AGAMBEN (2009), uma vez que se recusa a sua função de medi-lo, está livre para articular diversos momentos no “presente”.

A imagem de um relógio parado também é utilizada em *Watchmen* (2009), o capítulo IV: relojoeiro, abre com as memórias do Doutor. Mahattan (alter ego do Dr. Jonathan Osterman), sobre a profissão de relojoeiro do seu pai. Este nega-a como futuro para esse filho, mediante as notícias do lançamento da *Bomba Atômica* e das descobertas do Prof. Einstein de que a forma como concebíamos o tempo, seria uma ilusão. Quando o Dr. Jonathan Osterman, fica preso em uma câmara de testes, pouco antes de ser desintegrado, ele retira um relógio de pulso do bolso. A mesma cena aparece no filme *Watchmen* (2009), com a velocidade dos ponteiros ficando mais e mais lenta, até que o mecanismo pare um

instante antes de sua desintegração. A imagem do relógio parado tanto em *Watchmen* (2009), quanto em *O Vigia/Watchman* (2016), pode ser lida como uma metáfora que aponta para essa possibilidade de mudança na maneira como compreendemos o tempo, pensada a partir da *Teoria da Relatividade* (1999), do físico alemão Albert Einstein, ou seja, dessa substituição da ilusão do tempo como algo inquestionável e a passagem para a de sua percepção como algo relativo.

No livro *No Ângulo dos Mundos Possíveis* (2011), a pesquisadora francesa Anne Cauquelin destaca que o tempo é um dos componentes essenciais para entendermos as práticas contemporâneas que visam o processo em relação ao produto. Assim trabalhos que lidam com a noção de passagem do tempo, ao se recusarem a apresentar um objeto único e estático, atentam para um fato que passou despercebido, que toda obra é resultado de um processo de construção. Para a autora não se trata de atestar a supremacia do processo em relação ao objeto final, mas somente de demonstrar, que assim como toda obra é interativa, relacional, etc.; o processo também consta como uma das essências de uma obra, seja ele físico ou mental.

Nesse sentido podemos, ainda, recrutar o conceito do filósofo alemão Boris Groys, que no artigo *Camaradas do tempo* (2010), lê os contemporâneos como sendo “camaradas do tempo”, atuando como uma espécie de colaboradores dessa arte do tempo ou processual. Assim o vigia do tempo pode ser apontado, também, como alguém que colabora com o tempo, que o documenta, que mostra que, em essência, todos os processos se conectam nele, mesmo quando não têm mais função de precisá-lo. As obras aqui elencadas, *Winston e Rorschach* são, portanto, “camaradas do tempo”, em menor ou maior escala, por escolha e nas suas diversas leituras. Já ao as observarmos junto ao trabalho *O Vigia/Watchman*, no contexto deste texto, nos ajudam a ampliar a imagem dessa grafia do cidadão/citizen, que dourado sobre a tampa da caixa, supera a corporação do tempo, quando os vemos como aqueles que se comprometem, tal e qual seus guardiões, com a verdade da informação em propagar-se.

Seguindo essa análise também podemos propor que os “adversários do tempo”, seriam aqueles que compactuam com a manutenção desse “presente perpétuo”, a partir da

ficcionalização da informação dentro dessas bolhas temporais. Já destacamos as figuras de O'Brien e do Partido em *1984*, mas ainda podemos elencar algumas metáforas, por meio de *Watchmen*.

O personagem Dr. Manhattan encarna o poder supremo de um deus, embora seja um deus “cativo”, amarrado ao pacto firmado com o Estado norte-americano e com as artimanhas de Ozymandias. Desfrutando dessa apatia do “divino”, ambos utilizam as bênçãos desse poder, para intimidar e fazer com que suas vontades sejam aceitas pelos demais. Esse ser que possui poderes incríveis, inclusive uma visão do passado, assim como do futuro, de todas as cordas do possível, parece representar um ser de outra dimensão. Atar suas vontades, tornando-o até indiferente aos homens, seria como prender o próprio tempo.

Ozymandias encarna a figura do “super-homem”, daquele que vislumbra um futuro brilhante e “utópico”. Abençoado por uma inteligência e força sobre humanas, além de uma riqueza extrema, acredita ser o guia, o representante supremo dentre todos os poderosos, cujo dever é conduzir os “fracos” pelo caminho da benevolência – a partir dos seus planos secretos. É a própria personificação do “*status quo*”. Ironicamente o nome do personagem é apropriado do “apelido” grego dado ao faraó egípcio Ramsés II, e é, também, o título de um soneto do poeta inglês Percy Bysshe Shelley, cujas rimas versam sobre a efemeridade de todo grande poder, que no fim, será soterrado nas areias do tempo.

O capitão naufragado em *Contos do Cargueiro Negro*, na trama paralela, representa uma pessoa “comum”, um capitão, bem-intencionado. Embora leituras como a de REYNOLDS (1994), destaquem que o personagem é como outra metáfora para contar a degradação de Adrian Veidt, alternativamente podemos ver o cargueiro negro como o barco que corrompe tudo em seu caminho, no qual Ozymandias (alter ego de Adrian Veidt), seria o próprio barqueiro que conduz a todos pelo rio da morte⁴. Os tormentos e privações

⁴ Um elemento na trama de *Watchmen* (2009) que corrobora com essa outra proposta de leitura é a ausência do nome desse naufrago em *Contos do Cargueiro Negro*, nunca mencionado, sendo

conhecido apenas como um “capitão do mar”. Diferentemente, Adrian Veidt possui nome e um “sobrenome”, aproximando-o a diversos outros personagens poderosos de diversas Histórias em Quadrinhos, tais quais Lex Luthor, Bruce Wayne, etc.. Portanto, tal anônimo “capitão do mar” se confunde em como nomeamos em inglês os desconhecidos, isto é, por *John Doe* ou similarmente, ao aproximarmos o termo da sua designação em português, como um *Zé Ninguém*, um fulano

aprisionam o capitão num mundo cujo o tempo naufragou em uma incógnita, no qual ele não consegue ver os fios que conduzem o seu destino. Nesta perdição o capitão, como o cidadão comum, é induzido, a partir da sua cegueira espacial, a ignorar os fatos do mundo que para ele se borrou nas perturbações de sua mente, agora privada de comparações. Desta maneira é levado a se comprometer com a imundice da sociedade, afundando em um mar de lama e morte, onde lhe é permitido apenas flutuar sobre e se alimentar dos cadáveres que só lhe dão o suficiente para sobreviver da morte. Impelidos a cometer grandes atrocidades, caminham perdidos até aceitarem o seu destino como monstros, parasitas que consomem os corpos dos vivos e embarcar, como mais uma alma putrefata no *deck* desse barco do inferno. Em meio a esses horrores tanto o ódio como o amor podem ser mutilados e deformados. À vista disso a trama, nesta metalinguagem, é construída não com a intenção de ludibriar o leitor, mas sim clarear as sombras e afastar o cinza que borra o preto e branco em nossas mentes. Demonstrando que os verdadeiros inimigos são aqueles que apodrecem as almas humanas, ao construírem barreiras para que nossas memórias não possam fluir no tempo de nossas almas⁵.

1.4 – CONSIDERAÇÕES

Orwell, através do seu personagem Emmanuel Goldstein, escreve que as lutas de classes estão alinhadas de acordo aos seguintes propósitos: “o objetivo da Alta é ficar onde está. O da Média é trocar de lugar com a alta. E o objetivo da Baixa, [...], é abolir todas as distinções e criar uma sociedade em que todos sejam iguais.” (ORWELL, 2007, p. 194). Essa passagem, embora extremamente direta, simplifica o entendimento dos leitores dessa

qualquer, carregando uma conotação bem diferente dos personagens “ilustres” e “notáveis” das histórias.

⁵ A análise dessa estratégia textual de Contos do Cargueiro Negro nos faz perceber suas semelhanças

às utilizadas pelo personagem O'Brien em 1984, que se apropria do livro “negro” de Goldstein — imagens de duas forças incontroláveis que corrompem os homens, um “navio negro” e um “livro negro” —, para “degenerar” Winston, torturar seu corpo e sua mente e então justificar ceifar a sua alma. Dentro das respectivas narrativas, O'Brien e Veidt podem ser vistos como aqueles que capitaneiam e lançam, sobre os homens, as forças que os degradam.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

sua construção distópica de maneira didática. Ela nos leva ao ponto de percebermos que é preciso aprender o máximo que pudermos, sobre este mundo que construímos e de acordo com nosso tempo. Só então, a partir da aquisição desse discernimento, escolher se queremos lutar pela liberdade ou pela vida. Escolher a liberdade significaria, dentro de sua visão, estar pronto para abdicar da vida, da sua obrigação para com ela. Prescindir do seu apego a vida, liberar-se dela, revelaria o compromisso com a busca em atingir a imortalidade. Ao passo que, escolher a vida manifestaria a vontade de defender e garantir a sua plenitude. Isto é, de assegurar tudo aquilo que nos faz humanos, incluindo nossas falhas, o direito ao amor ou as infelicidades. Enfim, seria manter justa a lei fundamental da vida que é a morte.

O que os trabalhos e pesquisas, aqui expostos, evidenciam, é a existência, não só de um discurso, mas de ações de manutenção do status quo, perpetradas por uma elite. Isto foi e ainda é realizado através de práticas de silenciamento e apagamentos sistemático de pessoas, bem como de dados e acontecimentos históricos. O intuito é o de consolidar seu poder sobre aqueles que consideram inferiores, conservando-os afastados das decisões fundamentais, ainda que sejam necessários para a sustentação desses poderosos nas posições de comando e, sobretudo, da manutenção do seu lucro.

Logo, falar de memória é um ato político essencial nestes tempos, nos quais se procuram as brechas do esquecimento para vincular a desinformação, particularmente através da distância temporal que as gerações tomam dos fatos, já por elas não vividos. Não deixar esquecer, portanto, é um compromisso que se assume ao guardar a memória daqueles já não podem mais se levantar e reivindicá-la.

É preciso ainda mencionar que a marca dourada *Citizen* ao confundir(-se com) o cidadão, pode manipulá-lo dando-lhe uma falsa sensação de controle do tempo, enquanto quem controla essa brilhante corporação – semelhante ao Cargueiro Negro – é que deteria o poder ao fechar-se sobre o tempo dos homens. Contudo, o caminho de leitura percorrido, neste artigo, levou a escolha da afirmação do poder dos indivíduos, tornando possível compreender que, o controle do tempo é praticado pelos seres humanos através de sua percepção, que é processada sobretudo na memória. Portanto, fechar a caixa do relógio se

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

torna um ato simbólico, o qual torna todos responsáveis por transformar esse tempo “morto” em memórias. O compromisso com tais lembranças é o de não deixar esquecer, para cobrar e agir através do nosso esclarecimento, jogar luz nesses arquivos, abri-los e atualizá-los no nosso tempo, cuja duração compõe nosso agora. Dito desta maneira, apontamos que aqueles que se tornam os vigilantes da informação são os verdadeiros heróis, ao compartilharem com o mundo uma sabedoria coletiva.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- AMBROZY, Lee; WEIWEI, Ai. *O blogue de Ai Weiwei: escrito, entrevistas e arengas digitais, 2006-2009*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- CAUQUELIN, Anne. *No Ângulo dos Mundos Possíveis*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CHOMSKY, Noam. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. Tradução de Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996.
- CRO, Flávio. *Vestígios: uma investigação do ato de apropriação na arte*. 2017. Dissertação (Mestrado em: Artes) – Escola Guignard e Escola de Música, UEMG, Belo Horizonte, 2017.
- EINSTEIN, Albert. *A teoria da relatividade geral e especial*. Tradução de Carlos Alberto Nogueira de Freitas. São Paulo: PUC-SP, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GIBBONS, Dave; MOORE, Alan. *Watchmen: edição definitiva*, São Paulo: Panini, 2009.
- GROYS, Boris. *Camaradas do tempo*. In: Caderno SESC videoBrasil, vol.6. São Paulo: Edições SESC SP: Associação Cultural Vídeobrasil, 2010.
- KAKU, Michio. *Universos paralelos: los universos alternativos de la ciencia e el futuro del cosmos*. Traducción Patricio Barros y Sergio Barros. Vilaur: Editorial Atalanta, 2008.
- LAPOUJADE, David. *Potências do Tempo*. Tradução: Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- ORLANDI, Eni; et al. *Papel da Memória*. Tradução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- ORWELL, George. *1984*. Australia: Planet Ebook, 2018.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

ORWELL, George. 1984. Tradução de Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

REYNOLDS, Richard. *Super Heroes: a modern mythology*. Oxford: University Press of Mississippi, 1994.

SHELLEY, Percy. *Prometeu Desacorrentado e Outros Poemas*. Tradução de: Adriano Scandolara. São Paulo: Autêntica Editora, 2015.

FILMOGRAFIA

Cabra Marcado para Morrer. Brasil, Direção: Eduardo Coutinho, 1984. Documentário. Son., color., 110 min.

Jurassic Park. EUA. Direção: Steven Spielberg, 1993. Longa Metragem. Son., color., 126 min.

O Século do Ego: máquinas de felicidade. Inglaterra. Direção: Adam Curtis, 2002. Documentário. Son., color.,

O Século do Ego: engenharia do consentimento. Inglaterra. Direção: Adam Curtis, 2002. Documentário. Son., color., 60 min.

O Século do Ego: há um policial dentro das nossas cabeças: ele precisa ser destruído. Inglaterra. Direção: Adam Curtis, 2002. Documentário. Son., color., 60 min.

O Século do Ego: oito pessoas bebendo vinho em Kettering. Inglaterra. Direção: Adam Curtis, 2002. Documentário. Son., color., 60 min.

Notícias de Uma Guerra Particular. Brasil. Brasil: João Moreira Salles e Kátia Lund. 1999. Documentário. Son., color., 57 min.

Watchmen: director's cut. Direção: Zack Snyder. 2009. Longa Metragem. Son., color., 201 min.

WEB-SITES

Ghosts and Ashes. Watchmen: the superhero comic to end superhero comics. Disponível em: <<https://goo.gl/f7HhYk>>; acessado em 03/06/2016.

Netmundi. Ozymandias: um poema sobre o poder e o tempo. Disponível em: <<https://goo.gl/XQdWN1>>. Acesso em: 10/06/2018.

Ponto Virgulina. Ozymandias, de Percy Shelley. Disponível em: <<https://goo.gl/aZXfR8>>. Acesso em: 10/06/2018.

Wikipédia. Watchmen. Disponível em: <<https://goo.gl/3uBcHu>>. Acesso e 03/06/2016.

Wikipédia. Grande Irmão. Disponível em: <<https://goo.gl/eFxpTb>>. Acesso em 03/06/2016.

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Wikipédia. George Orwell. Disponível em: <<https://goo.gl/uynrZo>>. Acesso em 03/06/2018.

Wikipédia. Alan Moore. Disponível em: <<https://goo.gl/CjECVp>>. Acesso em 03/06/2018.

Wikipédia. Dave Gibbons. Disponível em: <<https://goo.gl/91LkyH>>. Acesso em 03/06/2018.

Wikipédia. Dave Gibbons. Disponível em: <<https://goo.gl/4R6sSq>>. Acesso em 03/06/2018.

You Tube. Simulation Theory 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/y6QT15>>. Acesso em: 10/06/2018.